



DA RUA PARA O INSTAGRAM: OUTRA FORMA DO #GRAFITAÊ EXISTIR NO MUNDO

Daiana de Andrade Matos ¹

RESUMO

O projeto #Grafitaê promovido pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia (2017), tem como objetivo incentivar a utilização das expressões artísticas urbanas como forma de ensino e aprendizado nas escolas a partir do grafite, rap e skate. A escola em que leciono, o Colégio Estadual Maria Xavier de Andrade Reis, localizado no município de Presidente Tancredo Neves -BA, é uma das participantes do projeto. Sabe-se que o grafite e, por conseguinte, o #Grafitaê é um projeto para ser executado em área externa, pois o grafite é uma arte de muro, portanto, de rua. No entanto, diante da pandemia que nos convida a ficar em casa, decidimos adaptar o projeto para que ele continuasse vivo, mesmo diante das dificuldades desses tempos. Assim, o nosso muro se tornou digital, o Instagram @cemxargrafitae. Nesse trabalho, conto um pouco da construção do projeto e faço um diálogo entre a geografia e a arte a partir das percepções que tenho de algumas das imagens, legendas e relatos dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia, Ensino, Arte, Grafite, #GRAFITAÊ.

ABSTRACT

The project #Grafitaê promoted by the Department of Education of the State of Bahia (2017), is intended to encourage the use of urban artistic expressions as a way of teaching and learning in schools from graffiti, rap and skateboarding. The school where I teach, Colégio Estadual Maria Xavier de Andrade Reis, located in the municipality of Presidente Tancredo Neves, BA, is one of the project's participants. It is known that graffiti and, consequently, #Grafitaê is a project to be launched outdoors, as graffiti is a wall art, therefore, a street art. However, given the pandemic that invites us to stay at home, we decided to adapt the project so that it would remain alive, despite the difficulties of these times. Thus, our wall became digital, Instagram @cemxargrafitae. In this work, I tell a little about the construction of the project and make a dialogue between geography and art based on the perceptions I have of some of the images, captions and students' reports.

KEYWORDS: Geography, Education, Art, Graffiti, #GRAFITAÊ.

“Se podes ver, repara.”
(José Saramago, 1995)

INTRODUÇÃO

O projeto #Grafitaê, promovido pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia (SEC, 2017), tem como intuito incentivar a utilização das expressões artísticas urbanas, a partir do grafite, rap e skate, como forma de ensino e aprendizado nas escolas. Segundo a Secretaria de Educação - SEC (2017), o projeto foi implantado em 270 escolas, localizados nos 27 Núcleos Territoriais de Educação (NTE), alcançando 209 mil estudantes da rede estadual.

¹ Doutoranda do curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia - BA, daiana.geo@outlook.com.



Leciono no Colégio Estadual Maria Xavier de Andrade Reis - CEMXAR, localizado no município de Presidente Tancredo Neves-BA, o qual optou por executar o projeto supramencionado.

Inicialmente, na unidade escolar do CEMXAR, o projeto ficou restrito a disciplina de artes. No entanto, durante o período da pandemia, os professores da área de ciências humanas e sociais aplicadas decidiram trabalhar com o projeto, pois perceberam o potencial para dialogar de forma leve e com muita liberdade com as disciplinas da área, mesmo em período de distanciamento social.

Grafite é um tipo de manifestação artística que, em geral, utiliza os espaços públicos para promover a crítica social. Partindo desse pressuposto, infere-se que o #Grafitaê é um projeto para ser executado em área externa, dada a necessidade de expressão para o público, para a rua. Entretanto, os entraves impostos pela pandemia, especialmente os isolamentos sociais e as quarentenas, decidiu-se adaptar o projeto para mantê-lo vivo em meio as dificuldades atuais.

Partindo-se desse pressuposto, as expressões artísticas, dos alunos do CEMXAR, passaram a ser veiculadas através das redes sociais, mais especificamente através Instagram @cemxargrafitae. Assim, nosso muro se tornou digital e as vivências dos alunos, apresentadas a partir dos seus grafites, ultrapassaram os limites do município de Presidente Tancredo Neves.

Posto isto, passo a seguir, a apresentar percepções de algumas imagens produzidas pelos alunos e sua inter-relação com a disciplina geografia.

2. UM DIÁLOGO ENTRE A ARTE E GEOGRAFIA A PARTIR DO #GRAFITAÊ

Os grafites compõem as paisagens urbanas de grandes, médias e pequenas cidades. A manifestação artística produzida pelo grafite é uma das formas de expressar ideias e de interferir na paisagem urbana, pois reflete a realidade das ruas. Embora seja uma comunicação que, em tese, é efêmera, o grafite marca não apenas o muro e a paisagem urbana, mas tem o potencial de atingir quem o pode ver.

Na geografia, comumente, o grafite permite refletir sobre as cidades e a vida urbana. Esse diálogo entre arte e ciência/ arte e geografia, possibilita transcender e fazer conexões que as formas cartesianas não admitem. De acordo com Marandola Jr. (2010),

A arte, assim como a Ciência, também brota da relação orgânica do homem com o meio, e por isso é tão importante para geografia. Nas manifestações artísticas estão inscritas geografias da mesma forma que foram necessárias geografias para concebê-las. Tanto o conhecimento existencial do artista quanto as referências culturais estão



embebidos de geograficidade, pois esta é inalienável do ser humano e de suas realizações (MARANDOLA JR, 2010b, p.22).

O conhecimento geográfico, portanto, participa da elaboração de textos, imagens, sons, vídeos – é o que a arte revela ao homem sobre sua condição humana, sua vida. Além disso, a geografia consegue dialogar com êxito com a arte e se beneficiar dessa relação. Nesse diapasão, como tão bem defendeu Dardel: “O rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar imagem justa, luminosa, cambiante. Ele somente dá ao termo concreto amparo e medida. (DARDEL, 2015, p. 3)”.

Partindo desse pressuposto, aqui, o grafite enquanto expressão artística, será analisado na perspectiva da experiência espacial. Espacial, não apenas no sentido das geometrias e coordenadas geográficas, mas numa perspectiva de compreensão Miltoniana (1997), na qual, a sociedade é espaço e produz espaço. Nesse mesmo sentido, a prof. Livia de Oliveira (2015), se referindo a obra de Dardel, afirma que, para ele:

[...]o espaço geográfico não é apenas o espaço do mapa, nem o espaço simplesmente relacional da geometria; não é um adjetivo. Ao contrário é um espaço substantivo, material; é o mundo existencial, dos lugares, da paisagem, que rearranja as dimensões do conhecimento e, principalmente, o lugar das ações no mundo vivido. Não sendo homogêneo nem objetivo, o espaço geográfico é sempre solidário com uma certa tonalidade afetiva, marcado por valores heterogêneos e de direções significantes. (OLIVEIRA, 2015)

Assim, materialidades, subjetividades e intersubjetividades estão presentes nos processos de produção e criação do espaço e tornam-se visíveis na arte: as experiências vividas interferem na forma como as pessoas percebem o espaço e as situações. No presente trabalho isso pode ser observado imagens produzidas pelos alunos e, parafraseando Dardel (2015), seria a espacialização que salta do espaço para a tela. É a partir desse ponto de vista geográfico e artístico que apresento o projeto #Grafitaê digital.

3. COLORINDO O MURO DIGITAL

O projeto, até o momento², se dividiu nas seguintes etapas: Apresentação do projeto; aulas síncronas e assíncronas; orientações para produção das imagens; produção das imagens; montagem do muro digital e interações.

Inicialmente enviamos um itinerário de uma semana de leituras e orientações, em formato digital e impresso. Esse percurso de atividades foi acompanhado pelos professores.

² A ideia é continuar trabalhando com as imagens dos alunos nas aulas e promovendo outras criações e interações. No mês de setembro/2021, a escola retomou o grafitaê presencial, colorindo os muros da escola. As imagens podem ser visualizadas no instagram do projeto: @cemxargrafitaê.



Como parte central da proposta, discutimos com os alunos (nos momentos síncronos e nos materiais de apoio) como eles sentem e vivem esse período de pandemia. Paralelo a isso, disponibilizamos alguns referenciais teóricos que pudessem ajudar nas discussões. Posteriormente propomos a produção de imagens e legendas que retratassem essas vivências e percepções.

No muro digital, o Instagram, as imagens produzidas pelos alunos, em casa, foram postadas com o nome do aluno e legenda. Ao todo, foram mais de 300 imagens postadas no Instagram do #Grafitae da escola. Saliento que para a discussão que proponho aqui, selecionei apenas algumas imagens, devido a limitação de páginas, e as agrupei por temas para que possa trazer alguns aspectos e deixar que o leitor também perceba e tire suas próprias conclusões.

4. DIANTE DO MURO

Para que a imagem possa dizer, exibir as suas mensagens, seus conteúdos, é preciso que haja alguém para recebê-la, contemplá-la, percebê-la. Estou aqui, diante do muro para mostrar um pouco do que algumas delas revelam. Tenho certeza que as imagens também serão interpretadas por quem puder vê-las, repará-las, pois o sentido da obra nunca está completo: a cada novo olhar, um novo detalhe, um novo ângulo e perspectiva revelará outras formas de perceber suas mensagens.

Como dito, as imagens refletem as experiências pandêmicas vividas e percebidas pelos alunos. Iniciemos, pois, com a imagem da aluna Jessica Priscila (2021), Figura 01.

Figura 01- Jessica Priscila S. de Souza, 1º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

Figura 02- Bruna Santos Souza, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

A aluna fez uma imagem-símbolo que me faz recordar o Yin-yang, símbolo que reflete esquemas cosmológicos de outras sociedades. O círculo traz a ideia de totalidade e harmonia entre os opostos dia e noite, estes aparecem como complementares que se equilibram. Tuan



(1980) nos ajuda a pensar, quando analisa os mitos e figuras geométricas enquanto esforços do homem em resolver as contradições da vida. Em sua legenda, a aluna nos recorda que a pandemia é decorrente de uma crise humana-ambiental, das contradições. David Harvey, em seu livro “Enigma do capital”, publicado em 2011, já alertava para a possibilidade de uma gripe pandêmica em decorrência dos desequilíbrios ambientais. Portanto, as grandes populações, as grandes cidades, os desequilíbrios chamados de ambientais e a ganância nos trouxeram até aqui, mas como aponta Jessica Priscila (2021), a saída é também a partir de um reencontro do homem com a terra, de uma percepção do homem não como ente a parte do mundo, mas como um ser mundano, participante. Desta forma, percebe-se que aluna nos convida a viver de forma mais harmoniosa e de aprender a ser-com-o-outro, sobretudo, em momentos como este.

Sabemos que o surto do COVID-19 foi relatado pelas autoridades de saúde da cidade de Wuhan, província de Hubei, na China, em dezembro de 2019. A OMS declarou, em 30 de janeiro de 2020, a COVID-19 como Emergência de Saúde Pública de Interesse Internacional (CHAVES; BELLEI, 2020) e pandemia em 11 de março de 2020. A aluna Bruna Souza (2021), em sua imagem, Figura 02, mostra a compreensão da pandemia enquanto fenômeno global, evidenciando o encadeamento de alguns dos países nesse cenário.

Chama atenção a escolha dos países simbolizados nas imagens. Grandes potências econômicas mundiais foram destacadas e o país em que ela vive não. No entanto, em sua legenda, ela evidencia o impacto global da pandemia, que afeta não apenas os países destacados no desenho, mas também o Brasil, e, por conseguinte, o local em que vive. A imagem, portanto, revela uma capacidade de perceber o fenômeno da pandemia em várias escalas e suas conexões. Sendo estes conhecimentos de suma importância a serem trabalhados escolas, como defende Castellar (2005) quando diz que a geografia escolar deve atentar para objetivos relacionados ao processo de construção da espacialidade e, para tanto, deve:

Aumentar o conhecimento e a compreensão dos espaços nos contextos locais, regionais, nacionais, internacionais e mundiais e, em particular: - conhecimento do espaço territorial; - compreensão dos traços característicos que dão a um lugar a sua identidade; - compreensão das semelhanças e diferenças entre os lugares; - compreensão das relações entre diferentes temas e problemas de localizações particulares[...]. (CASTELLAR, 2005, Pg.211)

Nesse mesmo sentido, para além dos efeitos da pandemia em escala global, os alunos, a partir da atividade proposta, evidenciaram que percebem os efeitos disso em outras escalas, em seus espaços de vivência, em ações cotidianas. Por exemplo, na Figura 03, visualiza-se o vírus na rua, ocupando o lugar das pessoas, habitando as cidades, e, por consequência, a necessidade de confinamento. No desenho, visualizamos as pessoas amedrontadas, aprisionadas em casa.



Figura 03- Silvania Jesus dos Santos, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

Figura 04- Julia Rangel Reis, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

Na legenda, a aluna Silvania Santos (Figura 03, 2021) focaliza a necessidade de solidariedade e colaboração por parte da sociedade para superar a pandemia, destacando o distanciamento como fundamental. A necessidade de se proteger para proteger o coletivo, aparece também na imagem de Julia Reis (2021, Figura 04), na qual uma grande máscara cirúrgica recobre uma comunidade.

Percebe-se, assim, que há um entendimento, por parte dos alunos, que o isolamento e o uso de máscara, de forma coletiva, ajudam na proteção contra o vírus e são indispensáveis para superar a pandemia, indo na contramão dos discursos negacionistas.

Não apenas na imagem de Julia Reis (Figura 04), mas em muitas outras, as habitações populares, a vida em comunidades periféricas, o fenômeno da favelização e seus opostos apareceram. Na Figura 05, pode-se observar, de um lado, as casas apinhadas em morros, habitações precárias, ausência de saneamento básico e condições mínimas de higiene para enfrentar a crise sanitária. O espaço vivido pela maioria dos alunos da rede pública. Do outro lado do abismo, o oposto.

Figura 05- Samuel Moura dos Santos, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

Figura 06- Augusto dos Santos Rbeiro, 3º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.



O discente Samuel Moura dos Santos (Figura 05, 2021), em sua legenda, justifica sua criação e expõe o que pensa a respeito:

Bem, esse grafite eu fiz com a finalidade de representar uma das consequências da desigualdade social, a FAVELIZAÇÃO, que é bem comum no Brasil e até virou uma característica brasileira. Fruto da desigualdade e privilégios divididos de forma errada, muito para poucos e pouco para muitos, infelizmente é nossa realidade e ela vem se agravando mais e mais. Vou deixar aqui um trecho de uma música que eu achei importante e que retrata a desigual social no Brasil e no mundo: ‘A playboyzada quer ver o gueto se destruir/Tu ainda não se ligou que isso é uma cilada?/Nós estamos no mesmo mar, mas não no mesmo barco/Os filha da puta tão de iate, nós barca furada/E se o mar ficar revoltado, é nós que afunda/E muitas vezes nós têm culpa nessa palhaçada/ Não vende voto, é você que aperta a urna/E nada muda na cúpula e também lá na quebrada’. Trecho da parte cantada pelo MC Kelvinho na música: Hit do Ano- Peso da Luta. (SANTOS, S. 2021)³

Além da força da imagem, seja pela sua beleza estética, do traço do aluno, seja por retratar, literalmente, o abismo que separa ricos e pobres no Brasil, as justificativas e palavras utilizadas para falar sobre a imagem e o tema, somadas a relação com que o mesmo fez com a música escolhida para reforçar seu posicionamento- característica tão própria do grafite-, robusteceram a potência do seu espaço de fala e expressão. Nesse exercício, percebe-se que:

Na fronteira entre o mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam os caminhos para um mundo; a leveza se liberta dos pensadores para se elevar aos cumes. A geografia não implica somente no reconhecimento da realidade em sua materialidade, ela se conquista como técnica de *irrealização*, sobre a própria realidade. (DARDEL,2015 p. 5)

Na Figura 06, por exemplo, aparece um jovem, provavelmente um estudante, com sua mochila, caminhando em um bairro periférico, seu espaço vivido. Interessante perceber o posicionamento do jovem retratado: ele caminha na rua, fora de casa, em um momento que se pede para recolher. Essas geografias interiores (DARDEL,2015) são evidenciadas nos desenhos, nos grafismos, nas legendas.

Durante as aulas, nesse período de pandemia, tenho ouvido e lido muitos relatos de alunos que estão trabalhando em oficinas, mercados, lojas, cuidando dos irmãos, da casa, trabalhando em outras casas, para ajudar no sustento da família. Muitos alunos de regiões rurais, depois de um ano sem aula na rede estadual, relatam que “colocaram roça”, estão ajudando no cultivo. A imagem (Figura 06), somada aos relatos, nos leva a perceber que o jovem estudante, da escola em que leciono, em sua maioria, não se recolheu durante a pandemia.

³ As legendas dos alunos foram copiadas dos formulários na íntegra, por isso a presença da linguagem informal, erros de português, gramática e digitação.



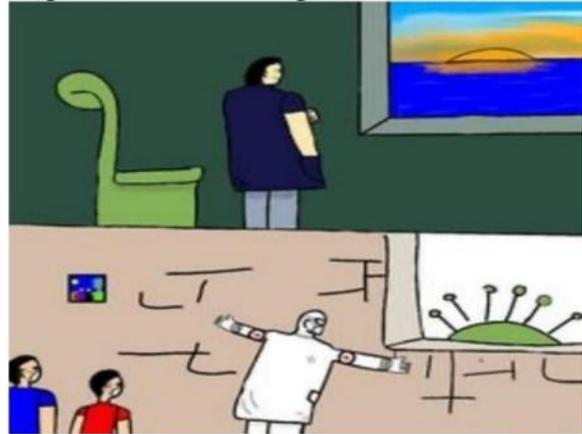
Os alunos também evidenciaram suas percepções sobre a vida dos mais ricos na pandemia, em oposição aos pobres, fazendo paralelo com seus espaços habitados. Nas imagens, os alunos destacam que os mais abastados puderam/podem usufruir do isolamento em segurança, dentro de suas casas amplas, confortáveis. Na Figura 07, produzida pelo o Aluno João Victor Santos (2021), isso é confirmado.

Figura 07- João Victor Santos, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitaes, 2021.

Figura 08- Marcelo Augusto Assis, 1º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitaes, 2021.

João Victor Santos (Figura 07, 2021) reitera em sua legenda:

O covid-19 e o isolamento social trouxeram uma crise financeira ao país que é sentida com grande impacto na classe baixa, onde estes não enfrentam apenas o coronavírus, mas também a falta de estabilidade financeira e a fome, logo se não saem, não conseguem se sustentar. O que não acontece com a classe alta, onde o que enfrentam é o 'tédio'. (SANTOS, J. 2021)

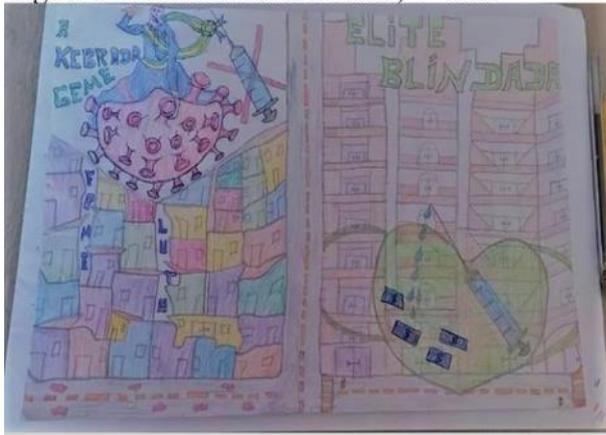
Na Figura 08, também, as diferenças de horizontes visualizados por ricos e pobre. Não é de se estranhar que os alunos tenham retratado isso, num país onde a pandemia acaba por escancarar a desigualdade social e econômica. Segundo a Agência Senado(2021), o Brasil está entre os dez países mais desiguais do mundo, sendo recordista em concentração de renda no mundo. Relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) divulgado no final de 2019, portanto antes da pandemia, mostrou que o 1% da população mais rica detinha 28,3% da renda do país, quase um terço do total e que, durante a Pandemia, mais de 30% da população precisou do auxílio emergencial. As imagens, portanto, revelam a realidade.

Cabe destacar que nos posicionamentos dos alunos, na legenda ou na própria imagem, eles reconhecem o grupo/classe social pertencente. Outras imagens seguem nessa mesma linha, evidenciando que: de um lado “a quebrada geme”, do outro a “elite blindada” (Figura09).

O vírus carregado por um helicóptero na Figura 10, retrata a disseminação do vírus das classes mais abastadas para as mais pobres. Fazem recordar, inclusive, que uma das primeiras mortes por COVID-19, aqui no Brasil, foi de uma empregada doméstica que contraiu o vírus com seus patrões que haviam chegado da Itália.



Figura 9-Mailan de Jesus Santos, 1º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

Figura 10- Geovana Santos Nunes, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

Observo, também, como os alunos representam o urbano em suas imagens. Nas produções, para diferenciar os bairros ricos e pobres, eles apostam, em sua maioria, em representações de prédios altos, enquanto na cidade que vivem não existe essa verticalização exagerada, o prédio mais alto da cidade é de quatro andares. As comunidades ilustradas aparecem em morros que nos remetem a cidades como o Rio de Janeiro e Salvador. Essas representações também não refletem a geomorfologia local, nem tampouco, as ocupações das comunidades que por aqui ocorrem. Percebe-se a força do imaginário em fazer tais correlações e traçar casas com padrões arquitetônicos bem diferentes dos espaços habitados, porém televisionados. É como se eles utilizassem essas representações como linguagem universal, na tentativa de fazer compreender suas realidades. Além do que, o exagero é comum à arte, e este, traz maior impacto ao que se quer chamar atenção, digamos, uma licença artística.

Ainda referente as desigualdades, os alunos evidenciaram os dilemas enfrentados pela classe trabalhadora (Figuras 11e 12).”

Figura 11- Tainá Oliveira, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

Figura 12- Elisangela Raele Sousa teles, 2º ano.



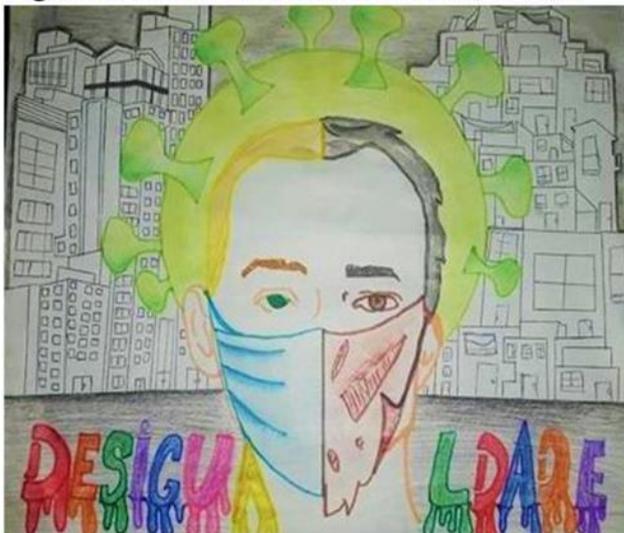
Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.



Na Figura 12, da Aluna Elisangela Raele (2021), apresenta, de um lado uma mão apontando um dedo, dando uma ordem, a mão, envolta de cifrões, simbolizando o dinheiro, sem um rosto aparente, do outro, pessoas alinhadas com interrogações, fazendo alusão ao quadro “Operários”, de Tarsila do Amaral (1933). Na legenda a aluna intitula a imagem como: “A dúvida dos operários em uma pandemia”. Ainda na Figura 12, nota-se a faixa com as cores da bandeira do Brasil, a qual lembra uma faixa presidencial. Este último elemento, abre possibilidades de interpretações por um viés político, e apesar da falta de rosto, nos remete a figura do presidente, nos lembrando das suas ordens emitidas ao trabalhador, do desemprego dessa classe e da má gestão da pandemia.

A desigualdade em destaque na Figura 13 aparece não apenas na palavra, ela está presente nos traços dos padrões de habitação, nas características físicas das pessoas representadas, roupas e máscaras, sinalizando, portanto, o poder aquisitivo.

Figura 13-Maria Eduarda A. Mendes, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

Figura 14- Leticia Kegile de J. Santos, 1º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

Eles também abordam as questões étnicas-raciais, evidenciadas pelos tons da pele, além das questões de gênero e religião (Figura 14). A aluna Kivia Caroline Silva dos Santos (Figura 15, 2021) diz em sua legenda: “A desigualdade nem sempre pode ser vista, pois a maioria se encontra atrás dos muros, sejam mentais ou mídias sociais. Não seria em meio a uma pandemia que seria diferente. Muito triste, porém é a realidade de muitos!”. Nas imagens (Figuras 15, 16, 17) que seguem, as questões raciais tematizam as produções.



Figura 15- Kivia Caroline S. Santos, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

Figura 16- Tatiele Nascimento dos Santos, 1º ano.

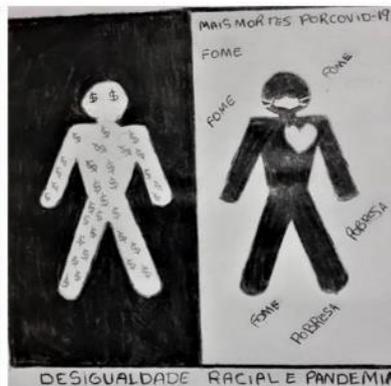


Figura 17- Ademilton dos Santos Argolo, 1º ano.



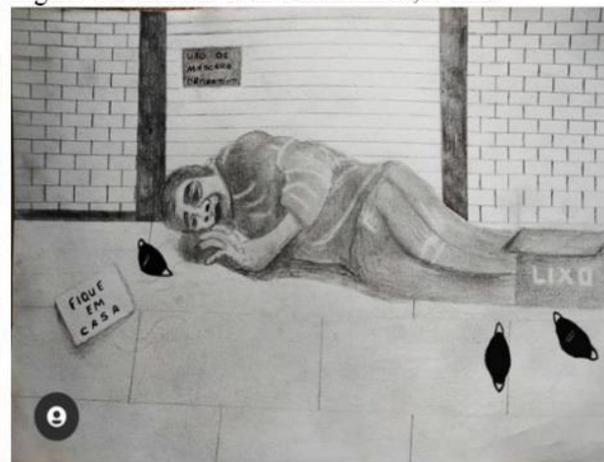
De fato, eles reconhecem que não são todos iguais frente a pandemia. Sabem que as populações negras vivenciam a pandemia de forma diferente dos brancos. Isso fica evidente nas imagens e textos: eles repudiam todas as formas de preconceito, pedem tolerância, igualdade, redistribuição de renda. Não é de se espantar que esses temas apareçam num trabalho de escola pública, em que a maior parte do alunado é negro (90% se declaram negros⁴), vive nas periferias da cidade e vivenciam essas questões cotidianamente. Além disso, o bordão, tão usado nas redes sociais e na televisão, “estamos todos no mesmo barco” é desmentido por eles a partir das suas próprias experiências. Esse tema aparece em muitos desenhos, dentre eles, destaco aqui a Figura 18.

Figura 18- Pedro Henrique de A. Santos, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

Figura 19- Larissa Souza dos Santos, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

O aluno Pedro Henrique (Figura 18, 2021), retrata um navio grande e luxuoso onde é possível o isolamento, onde não faltam recursos financeiros e onde os planos de saúde garantem

⁴ Segundo entrevista do secretário de Educação da Bahia, Jerônimo Rodrigues (2019), dos 835 mil estudantes na rede estadual, 90% deles se declaram negros.



assistência rápida aos doentes. Paralelo ao navio, aparece um barquinho de madeira rudimentar, sinalizado como o Sistema Único de Saúde (SUS), utilizado pela maior parte da população. O mar pandêmico em torno de todos, mas, as condições de enfrentá-los, bem distintas.

Observo, apenas, que a percepção do SUS enquanto pequena e rudimentar me parece equivocada, pois, graças ao programa, há vacinas e tratamentos gratuitos para milhares de brasileiros, independente de classe social e cor. Ademais, a representação do barco pequeno, representa com fidelidade o ambiente inseguro e precário da vida da maior parte dos brasileiros e, portanto, dos alunos.

A sensibilidade dos alunos abarcou, também, os moradores de rua. Em muitas imagens, aqueles que não possuem casa, aparecem e evidenciam as contradições dos imperativos tão difundidos no período da pandemia: “Use máscara” e “fique em casa”. Na Figura 19, por exemplo, a aluna Larissa Santos (2021) retrata a vida dos moradores de rua enquanto excluídos, abandonados pelo Estado e pela sociedade que os invisibilizam.

Na Figura 20, em forma de tirinha, com um diálogo que satiriza a mesma situação, o aluno traz essa realidade. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea, 2020), o número de pessoas em situação de rua no Brasil cresceu 140% entre 2012 e março de 2020, chegando a quase 222 mil pessoas. Na Figura 21, aparece uma mulher desenhando numa parede uma casa, também evidenciando a problemática dos moradores de rua.

Figura 20- Hanna Estevão, 1º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafiteae, 2021.

Figura 21- Késsia Santos Aguiar, 2º Ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafiteae, 2021.

Interessante pensar no porquê da escolha de uma mulher nesse cenário. Sabemos que uma parte expressiva das famílias brasileiras são chefiadas por mulheres (cerca de 37,3 %⁵) e que estas assumem um papel de cuidado, sobretudo frente à pandemia, ocupando lugares importantes não apenas nas famílias, quanto nos hospitais, onde técnicos e enfermeiros,

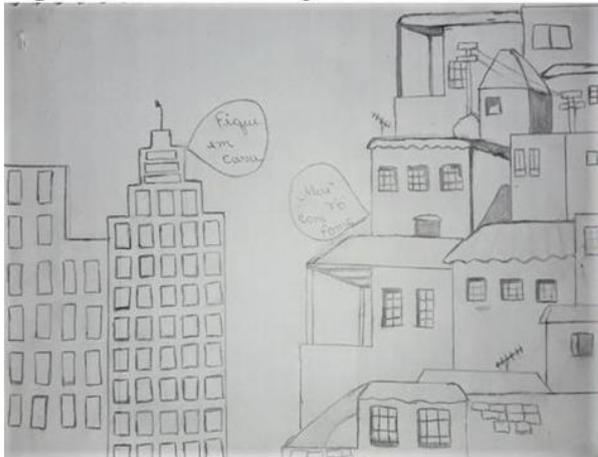
⁵ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística, 2010.



responsáveis por cuidar dos pacientes são, em sua maioria, mulheres e, aqui na imagem, a mulher é posta em destaque.

Paralelo as denúncias dos moradores de rua, a fome foi uma temática bastante recorrente no muro. A necessidade de ficar em casa para se proteger e a urgência de sair para se conseguir o sustento, aparece na Figura 22. Na imagem 23, que mostra os dois Brasis: de um lado uma mulher branca com o carrinho de supermercado cheio, ao fundo bairros planejados, prédios suntuosos; do outro, uma mulher negra e o carro de compras vazio, ao fundo habitações populares. Em meio a essa crise, o Corona Vírus aparece avançando mais para o lado pobre da linha, bem marcada, que divide as duas realidades.

Figura 22- Carlos Henrique Carvalho, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

Figura 23- Caline de Souza Santos, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

Em um momento de crises econômicas, políticas, no país, a crise sanitária se desdobrou em muitas outras: muitos ficaram desempregados (taxa de 14,4%, maio de 2021⁶); outros fecharam seus comércios (Cerca de 716 mil empresas 2020⁷); os preços dos itens básicos da alimentação atingiram níveis elevadíssimos (alta de 18,15%⁸) - como o arroz e o gás de cozinha- diminuindo consideravelmente o poder de compra do brasileiro, sobretudo, das classes mais baixas. Tudo isso contribuiu para que a fome no país fosse acentuada, chegando a 10,3 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar⁹. Essa realidade, que atingiu um grande contingente populacional, aparece com força nas imagens dos alunos, evidenciando, sobretudo, que esses problemas são sentidos de forma desigual. É o que se verifica na Figura 24:

⁶ Dados da Pnad Contínua, do IBGE, 2021.

⁷ Pesquisa Pulso Empresa: Impacto da Covid-19 nas Empresas, realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020).

⁸ IBGE (2020).

⁹ Censo 2021, IBGE(2020)

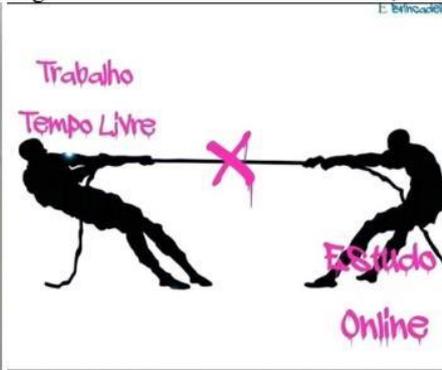


Figura 24- Stefany Karin B. dos Santos, 3º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitaec, 2021.

Figura 25- Marcos A. S. Nascimento, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitaec, 2021.

A tirinha retrata novamente a questão da desigualdade que se materializa. No desenho, de um lado uma pessoa de pele clara, com seu iPhone, em oposição, uma pessoa negra. Duas notificações, mas uma delas, não vem de um aparelho de telefone, mas do corpo sinalizando a fome.

Outro tema muito importante, que foi retratado inúmeras vezes, foi a relação da escola com a pandemia. Cabe destacar que as escolas estaduais, do Estado da Bahia, permaneceram por mais de um ano sem atividades, enquanto as atividades nas escolas particulares não pararam. As aulas retornaram no mês de março do ano de 2021. Nesse interstício sem aulas, como já sinalizado, a maioria dos alunos começou a trabalhar no período da pandemia, como é possível visualizar na Figura 25.

Também é sabido que existe uma desigualdade de acesso a Tecnologias da Informação e Comunicação e internet. Dito isso, a imagem 26, mostra uma sala de aula com a carteira do aluno esvaziada, repelida por um vírus, que lembra os monstros de filmes e desenhos. A imagem revela que o vírus afastou o aluno da escola, mas parece que essa escola, hoje, não lugarizada¹⁰, enquanto espaço físico, também afasta o aluno, à medida que as atividades e suportes educacionais, acesso à internet, acolhimento, nessa versão, lhe foram negadas.

Figura 26- Natalia Pereira de Jesus, 2º Ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitaec, 2021.

¹⁰ Me refiro a escola que, no momento da escrita, funcionava apenas em caráter remoto. Hoje, por volta de outubro de 2021, a escola funciona de forma semi-presencial, no entanto, os problemas apontados perduram.



Na figura 27, visualiza-se, de um lado, um aluno com seu computador utilizando todas as plataformas e aplicativos, em um lugar adequado para estudo, com um horizonte retratando um arco-íris, demonstrando esperança no futuro e muitas possibilidades. Do outro, nas paredes expostas, uma mesa precária e um caderno. Realidades distintas.

Figura 27- Karoline de Sousa Santos, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

Figura 28- Jaqueline C. dos Santos, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

Na imagem 28, visualizamos um menino assistindo aula síncrona dentro de casa e fora um menino com seu caderno. O posicionamento dos dois meninos em proximidade nos faz lembrar que, sobretudo em cidades pequenas, como a do colégio em questão, as fronteiras da desigualdade são bem estreitas, porém muitas das vezes não enxergadas.

É preciso muita sensibilidade para compreender essas mensagens, escutar os relatos e ler os depoimentos cotidianos de quem estuda em uma sala de aula que hoje não é localizada em coordenadas, está na rede ou apenas em um bloco de atividades. Nesse curto período de aulas remotas, acumulei muitos relatos: tenho notícias de alunos que vão, uma vez por semana, a um ponto de apoio da zona rural para fazer download e enviar as atividades; alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que não possuem familiaridade com tecnologia e optam por buscar as atividades impressas na escola, por não haver nenhum apoio para inseri-los nesse mundo digital; alunos que vão, à noite, até um bar, próximo de sua residência, para poder se conectar à internet e assistir a aula; dentre outras muitas situações que não cabem nessas linhas.

Nesse sentido, percebemos a globalização enquanto perversidade apontada por Santos (2003), que evidencia, na prática cotidiana, os excluídos do mundo digital, que, nesse momento, não conseguem estudar seja por falta de acesso à internet, familiaridade com os aparelhos e aplicativos, seja por necessidade de trabalhar para contribuir com o sustento da família. Os aprofundamentos da desigualdade graças ao processo de globalização.

É possível notar que mesmo dentro desse sistema público de ensino, existem abismos de profundidades e complexidades diferentes: existem alunos que possuem conexão, que não



precisam trabalhar e podem estudar e alunos que habitam em moradias precárias, precisam trabalhar e só conseguem fazer as atividades impressas. Portanto, as imagens acima não refletem os abismos de escolas públicas e privadas, mas da própria escola pública. Se a comparação for feita com a escola privada, esses abismos serão ainda mais profundos.

A morte e o luto também foram temas recorrentes. Num país que já se foram mais de 600 mil mortos, até o momento, por conta da pandemia, era de se esperar que o tema aparecesse. Na imagem, a aluna Leila Leite (2021, Figura 29) mostra a irresponsabilidades dos encontros e reuniões sem uso de máscaras e o impacto disso na vida dos mais vulneráveis. Vários alunos perderam parentes, amigos e conhecidos nesse processo.

Figura 29- Leila Marisa Ribeiro Leite, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

Figura 30- Kananda Evely S. Hungria, 1º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

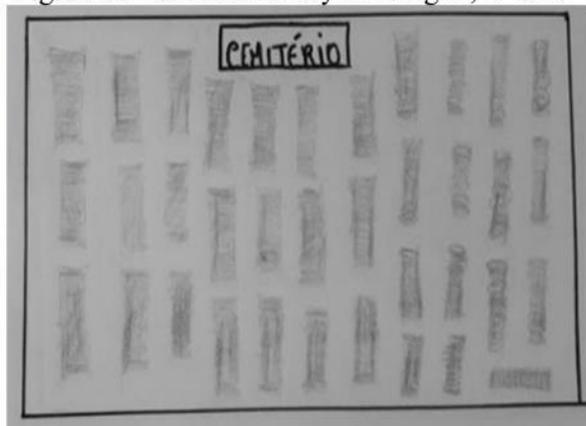
As cerimônias fúnebres também foram alteradas e são evidenciadas nas imagens dos enterros, nestas aparecem apenas homens paramentados (Figura 30). A impossibilidade da família e amigos estarem próximos nesses momentos fica evidente. Tudo isso alterou aspectos de ordem espacial/cultural e suas consequências certamente são sentidas e serão aprofundadas. Nas imagens 31 e 32, os alunos evidenciam que o resultado de todos os temas até então levantados: desigualdade, fome, exclusão, desemprego que resultam na morte.

Figura 31- Leila Marisa Ribeiro Leite, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.

Figura 32- Kananda Evely S. Hungria, 1º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitae, 2021.



As leituras referentes a gestão da pandemia pelos governos também apareceram. Na imagem 33, o aluno Michael Gabriel (2021), baseado em uma releitura de uma cena real, mostra o presidente com os olhos vendados com uma máscara. O que deveria ser usados para proteger, é utilizado para vendar, não fazer ver as mortes que ocorrem. De um lado o pensamento que repudia o uso de proteção individual e coletiva, do outro uma bússola descartada. O país sem norte e sem proteção, como consequência as mortes.

Figura 33- Michael Gabriel S. Oliveira, 3º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitea, 2021.

Figura 34- Diego dos S. Rodrigues, 3º ano.



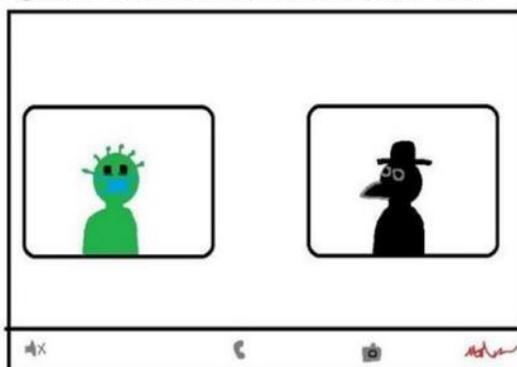
Fonte: Instagram @cemxargrafitea, 2021.

A imagem do aluno Diego Rodrigues (Figura 34, 2021), mostra para além dos dilemas já tratados. Um emaranhado de confusões de discursos antagônicos e urgências nas quais o brasileiro aparece afundando: “o país não pode parar! É só uma gripe! Usem máscara! Fica em casa!”. O peso dos plantões para os profissionais da área de saúde, as contas que não param de chegar para o trabalhador não formal, a fome, pobreza. O peso disso tudo e o naufrágio.

Os temas retratados pelos alunos são, em geral, pesados, mostram a realidade tal como ela é. Mas há uma esperança, um otimismo, uma leveza que é própria dos jovens e também aparecem nas produções. Essas nos levam a rir e a sonhar. Acreditando no potencial da arte como voz e o humor como esperança. Seguem alguns exemplos:

A aluna coloca o Corona Vírus e a Morte em uma videochamada. Reforça então a ideia de que manter o distanciamento é fundamental para estar longe dos dois (Figura 35).

Figura 35- Ana Cristina dos A. Santos, 2º Ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitea, 2021.

Figura 36- Isac José dos Santos, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitea, 2021.



O aluno Isac Jose Santos (Figura 36, 2021), trazendo a referência de uma série do Mangá Naruto, coloca uma máscara no personagem Yondaime Hokage, com a seguinte fala: "Cuidado!! Corano vírus é mais rápido do que o yondaime hokage !!!". O aluno Alfeu Andrade (Figura 37, 2021) traz os profissionais de saúde como heróis dessa pandemia. Alan Santos (Figura 38) deposita as esperanças na vacina e Stephany Santos (Figura 39) na solidariedade e união.

Figura 37- Alfeu dos Santos Andrade, 3º ano.



Figura 38- Alan David
Neves Santos, 1º ano.

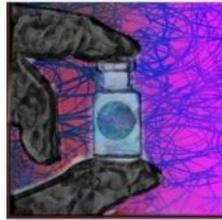


Figura 39- Stephany Nunes
dos Santos, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitea, 2021.

A aluna Selma Silva (Figura 40) nos convida a imaginar o futuro, nos lembrando da potência dessa força criadora, que é a imaginação, para pensar outros mundo possíveis, pois certamente, há mundos por vir. Na releitura de Ian Pablo, figura 41, a Monalisa aparece de máscara e nos convida, apesar de tudo, a sorrir com os olhos, já que “rir é um ato de resistência” (Paulo Gustavo, 2021).

Figura 40- Selma Santos Silva, 1º Ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitea, 2021.

Figura 41- Ian Pablo Santos Paixão, 2º ano.



Fonte: Instagram @cemxargrafitea, 2021.

5. ALGUMAS PERCEPÇÕES

[...] Deve-se compreender de todas as maneiras ao mesmo tempo, tudo tem um sentido, nós reencontramos sob todos os aspectos a mesma estrutura de ser. Todas essas visões são verdadeiras, sob a condição de que não as isolemos, de que caminhemos até o fundo da história e encontremos o núcleo único de significação existencial que se explicita em cada perspectiva (MERLEAU-PONTY, 1999, p 17)

Diante do muro, as imagens me revelaram as significações existenciais dos alunos e me levaram do riso ao choro. Do contentamento, enquanto professora, de perceber que, mesmo com tantas limitações, a escola e os alunos da rede pública possuem muitas potencialidades, as quais



foram reveladas nas imagens. Por outro lado, pois acredito que é possível fazer mais, que as coisas poderiam ser diferentes para educação e ensino público brasileiro e para os brasileiros nesse momento.

O mundo vivido e revelado pelos alunos a partir das imagens e legendas, evidenciam uma “cegueira branca¹¹”, que insiste em dizer que somos todos iguais e que estamos no mesmo barco. A lente trazida pelos alunos, a partir de suas experiências, nos apresentam as contradições. Após esse exercício que nos convida não apenas a ver, mas também sentir, questionar, eu pude reparar os detalhes, as mensagens e cada vez que estou diante do muro, me assusto e consigo ver mais e compreender melhor o mundo que habitamos, os espaços que dividimos.

REFERÊNCIAS

Agência Senado. **Recordista em desigualdade, país estuda alternativas para ajudar os mais pobres.** Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/03/recordista-em-desigualdade-pais-estuda-alternativas-para-ajudar-os-mais-pobres>> acessado em 03 Mai 2021.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar.** Cafajeste. CEDES, Campinas, v. 25, n. 66, p. 209-225, agosto de 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132622005000200005&lng=en&nrn=iso>. acesso em 04 de agosto de 2020.

CEMXARGRAFITAE. **Instagram do projeto desenvolvido.** Disponível em <https://instagram.com/cemxargrafitae?utm_medium=copy_link> SANTOS, Samuel M.. 2021.> Acessado em 02 jun 2021.

CHAVES, T. S. S.; BELLEI, N. **SARS-COV-2, o novo Coronavírus: uma reflexão sobre a Saúde Única (One Health) e a importância da medicina de viagem na emergência de novos patógenos.** Revista de Medicina, vol. 99, nº 1, pp. I-IV.

DARDEL, É. (2015). **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Editora Perspectiva.

HARVEY, David. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo.** Trad. João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2011.

IBGE. **10,3 milhões de pessoas moram em domicílios com insegurança alimentar grave.** Disponível em <<https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/28903-10-3-milhoes-de-pessoas-moram-em-domicilios-com-inseguranca-alimentar-grave.html>> Acessado em 07 maio 2021.

IBGE. **Estatísticas de Gênero.** Instituto Brasileiro de Geografia Estatística, 2010. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0,43,432220,432360,432345,431550,430690,430930&cat=128,-15,-16,55,-17,-18&ind=4704>> Acessado em 07 maio 2021.

¹¹ Termo utilizado por José Saramago (1995), em seu romance, para descrever uma inédita e inexplicável epidemia de cegueira que atinge uma cidade.



IBGE. **Pesquisa Pulso Empresa: Impacto da Covid-19 nas Empresas**, realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e publicada na quinta-feira (16/07). Disponível em <<https://covid19.ibge.gov.br/>> Acessado em 07 maio 2021.

Jerônimo Rodrigues: A cor e a cara da educação na Bahia(2019). Disponível em <<https://revistaraca.com.br/jeronimo-rodrigues-a-cor-e-a-cara-da-educacao-na-bahia/#:~:text=Ter%20835%20mil%20estudantes%20na,negros%2C%20C3%A9%20um%20percentual%20gigantesco>> Acessado em 07 maio 2021.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento**. Geosul. n. 49. Florianópolis. Jan/jun 2010b. p. 7-27.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção São Paulo**. Martins Fontes, 1994.

OLIVEIRA, Livia de. 2015. In: DARDEL, É. (2015). O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Editora Perspectiva.

Populações em Situação de Rua em Tempos de Pandemia: Um Levantamento de Medidas Municipais Emergenciais, In Estimativa da população em situação de rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020) IPEA. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200612_nt_disoc_n_73.pdf> Acessado em 07 maio 2021.

SAJA, José Antonio. **Fazer-o-real: arte enquanto documento**. In: SILVA, Maria Auxiliadora da.;

SILVA, Harlan R. Ferreira. (Orgs.). Geografia, literatura e arte: reflexões. Salvador: EDUFBA, 2010. p.15-20.

SANTOS, João V.. @CEMXARGRAFITAE. Instagram do projeto desenvolvido. Disponível em <https://instagram.com/cemxargrafitae?utm_medium=copy_link> SANTOS, Samuel M.. 2021.> Acessado em 02 jun 2021.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p.

SANTOS, Samuel S.. @CEMXARGRAFITAE. Instagram do projeto desenvolvido. Disponível em <https://instagram.com/cemxargrafitae?utm_medium=copy_link> SANTOS, Samuel M.. 2021.> Acessado em 02 jun 2021.

Saramago, J. (1995). **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.

Secretaria de Educação do Estado da Bahia. **Projeto #Grafitaê**. Disponível em: <<http://estudantes.educacao.ba.gov.br/noticias/projeto-grafitae-envolve-209-mil-estudantes-da-rede-estadual>> Acessado em 21 abril 2021.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente** (trad.) Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.288 p.